

O "eu narrável" e o "eu narrado" em Adriana Cavarero: as narrativas de vida de/sobre Herbert Daniel

Marcus Antônio Assis Lima^{1*} 

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil

*Autor de correspondência: malima@uesb.edu.br

RESUMO

O texto compara a autobiografia de Herbert Daniel com a biografia escrita por James Green. Enquanto a autobiografia apresenta uma visão subjetiva e pessoal da vida de Daniel, a biografia busca uma narrativa objetiva e histórica. O conceito de "eu narrável" de Adriana Cavarero é utilizado para explicar como a identidade é construída através das narrativas. As duas obras se complementam, oferecendo diferentes perspectivas sobre a vida de Daniel. O texto também estabelece conexões entre as ideias de Cavarero e outras filósofas como Hannah Arendt e Judith Butler, destacando a importância da narrativa para a compreensão da identidade humana. A autobiografia e a biografia sobre Herbert Daniel, quando analisadas à luz da filosofia de Cavarero, revelam a complexidade da construção da identidade através das narrativas.

PALAVRAS-CHAVE:

Narrativa
Identidade
Autobiografia
Biografia

SUBMETIDO: 28 de outubro de 2024 | **ACEITO:** 12 de novembro de 2024 | **PUBLICADO:** 21 de dezembro de 2024
© fólio - Revista de Letras 2024. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Introdução

A principal diferença entre uma autobiografia e uma biografia reside na perspectiva narrativa, como pretendemos demonstrar neste artigo. Enquanto a autobiografia de Herbert Daniel, "Meu corpo daria um romance" (1984), busca uma retratação íntima e subjetiva da vida e militância, a biografia escrita por James Green, "Revolucionário e gay: a vida extraordinária de Herbert Daniel" (2018), se propõe a uma narrativa objetiva e contextualizada, baseada em pesquisa histórica. Mas, antes, delimitaremos o pensamento da filósofa italiana Adriana Cavarero como discutido profundamente em sua obra *Relating Narratives: Storytelling and Selfhood* (2000).

Indo além dessa dicotomia, Adriana Cavarero (2000) argumenta que a própria existência humana está intrinsecamente ligada à narração. Para a filósofa, não somos apenas indivíduos que contam histórias, mas sim seres cuja

existência é estruturada como uma narrativa. Somos seres "narráveis", como ela afirma, pois "a vida nos foi dada, então, nada responde mais ao desejo humano do que contarem a nossa história" (2000, p. 3-4). O "eu narrável", portanto, representa a potencialidade narrativa inerente a cada ser humano, a consciência de que nossas vidas se desenrolam como histórias, mesmo sem que tenhamos acesso a todos os detalhes.

Cavarero (2000) defende que essa "narrabilidade" é intrínseca à nossa existência, presente desde o nascimento, e não uma construção posterior. Ela argumenta que a própria memória opera de forma narrativa, constantemente nos narrando a nós mesmos, ainda que de forma fragmentada e inconsciente. "Sempre e em qualquer circunstância, percebemos nós mesmos e os outros como seres únicos cujo identidade é narrável em uma história de vida" (2000, p. 34).

Para ilustrar essa ideia, Cavarero (2000, p. 17-31) recorre ao mito de Ulisses, que chora ao ouvir sua história ser narrada por outro. Esse paradoxo, segundo a autora, revela o desejo humano de ter a própria história contada por alguém externo, ansiando por um reconhecimento que confirme a singularidade da sua trajetória. A história de Ulisses, como qualquer outra, "não tem um autor. Ela simplesmente resulta das próprias ações de Ulisses" (2000, p. 24). O herói, embora protagonista, não é o autor da sua história; ele busca um narrador que possa dar forma e sentido à sua "trama impalpável".

A análise do discurso e a semiolinguística, particularmente, desempenham um papel central na interpretação das duas fontes, considerando que ambas se inserem em contextos narrativos distintos. A autobiografia de Herbert Daniel é uma expressão direta de sua identidade e perspectiva pessoal. Parafraseando Charaudeau, trata-se do "duplo 'eu' ou o duplo sujeito-narrador" (CHARAUDEAU *apud* MACHADO, 1992, p. 47). Em contrapartida, o livro de James Green representa uma narrativa acadêmica que busca objetividade. Por meio dessa lente teórica, examinaremos como as narrativas são estruturadas, os elementos identitários presentes nas obras e como essas diferentes abordagens afetam a interpretação dos eventos.

Aplicada ao romance, de maneira genérica, e às narrativas de vida, em especial, a semiolinguística pode ser utilizada para compreendermos como os textos literários comunicam significados através da linguagem e de que maneira os elementos linguísticos contribuem para a interpretação das obras.

Esse enfoque permite desvelar os aspectos semióticos e comunicativos das obras literárias, proporcionando uma compreensão mais profunda sobre como a linguagem é empregada na construção de sentidos. Além disso, a semiolinguística nos leva a considerar não apenas os aspectos linguísticos, mas também os extralinguísticos, situando o sujeito em seu contexto e analisando seus fatores culturais, políticos e sociais. Esse olhar mais amplo possibilita compreender por que determinados fatos ocorreram e como foram retratados na escrita desse "EU" comunicante, que deseja transmitir uma mensagem para o "TU" interpretante. Como destacado por Machado (2015, p. 97), "no domínio da análise do discurso, sabe-se que nenhum ato de linguagem é aleatório e todos contêm um fim comunicativo preciso".

Narrativas de vida como materialidade discursiva

A analista do discurso Ida Lucia Machado defende a inclusão das narrativas de vida como objetos de estudo da análise do discurso, argumentando que estas vão além de simples relatos, revelando estratégias discursivas, intenções do sujeito-comunicante e construções identitárias. Para ela, uma "narrativa de vida pode ser considerada como uma das novas materialidades discursivas que já fizeram sua aparição nas últimas décadas, no âmbito dos estudos discursivos". (MACHADO, 2015, p. 96). Nesse sentido, a pesquisadora argumenta que o romance, como materialidade discursiva, reflete a realidade social e cultural, ao mesmo tempo em que se apresenta como um espaço de criação e de subversão de normas e valores por meio da linguagem.

Entendemos que as narrativas de vida podem ser encontradas em diversos tipos de escritos, estando também presentes na comunicação verbal, incluindo as narrativas orais. Mesmo quando menos esperamos, e até de forma inconsciente, é possível identificar traços da vida dos autores, que deixam sua marca estilística e singularidades de escritor, mesmo que tais textos não sigam o rigor formal de uma biografia ou autobiografia. Segundo Lejeune (2008, p. 14), autobiografia é "uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, dando destaque à sua vida individual e, em particular, à história de sua personalidade". Seguindo a linha de pensamento proposta por Ida Lúcia Machado, compreendemos que essas narrativas podem estar presentes em músicas, romances, textos ficcionais e em outros gêneros

literários, pois "o ato de falar de si pode surgir quando menos se espera e onde menos se espera." (MACHADO, 2015, p. 98). Em síntese, a autora argumenta que as narrativas de vida, independentemente de sua forma ou gênero, constituem uma rica materialidade discursiva por revelarem a interação entre a história de vida do sujeito, a construção do "eu" na linguagem e as estratégias utilizadas para se comunicar e persuadir o "outro".

Portanto, embora nos refiramos ao livro de Herbert Daniel como uma biografia, sabemos que ele não segue as normas tradicionais do gênero. O próprio Daniel, no início de sua obra, a intitula como um "romance ou autoficção", o que marca a primeira grande diferença entre o relato feito pelo próprio Herbert Daniel e o de James Green.

O eu é uma narrativa contada pelo outro

Cavarero (2000), porém, faz uma distinção crucial entre o "eu narrável" e o "eu narrado". O "eu narrável" representa o potencial narrativo, a abertura para a história, enquanto o "eu narrado" se refere à cristalização da identidade em uma narrativa específica. Essa distinção é fundamental para compreender que, para Cavarero, a identidade não se reduz à história que é contada, mas se encontra em constante desenvolvimento através do ato de narrar e ser narrado. O "eu narrável", portanto, "não é o produto de uma experiência íntima e apartada, ou mesmo o produto de nossa memória. Ele é, ao contrário, o sentido familiar a cada Eu na extensão temporal de uma história de vida que é essa e não qualquer outra" (2000, p. 34).

Em síntese, o argumento de Cavarero sobre o "eu narrável" propõe uma mudança de perspectiva em relação à narrativa, colocando-a como elemento constitutivo da experiência humana. Ao invés de buscar uma identidade fixa e preexistente, a autora nos convida a pensar o "eu" como um processo dinâmico, em constante construção através da relação com o outro e com as narrativas que permeiam nossas vidas. A narrativa, para Cavarero (2000), assume um papel político, na medida em que a exposição do "eu" ao "outro" se torna um ato constitutivo da identidade individual. Através da narração, e especialmente da narração da própria história, o indivíduo desafia a busca tradicional pela essência humana, afirmando a importância da sua singularidade e da sua existência única (CAVARERO, 2000).

A experiência de Emília, narrada no capítulo V, "On the outskirts of Milan" (CAVARERO, 2000, p. 55-66), exemplifica a importância da narrativa externa para o "eu narrável". Emília, ao ter sua história de vida escrita por sua amiga Amália, chora de emoção (citado por Cavarero, 2000, p. 59). Esse relato demonstra o poder da narrativa de conectar o indivíduo com sua própria história, conferindo-lhe unidade e significado.

O trabalho de Adriana Cavarero se relaciona fortemente com as filosofias de Hannah Arendt (2016) e Judith Butler (2003), embora de maneiras distintas. Cavarero se baseia na ideia de Arendt sobre a importância da ação e do espaço público para a constituição da identidade política. No entanto, enquanto Arendt se concentra principalmente na ação política tradicional, Cavarero expande essa noção para incluir a narrativa como uma forma de ação e as relações interpessoais como um espaço de exposição e construção da identidade.

Tanto Cavarero quanto Arendt enfatizam a importância da narrativa para entender a identidade humana. Elas argumentam que, enquanto a filosofia tradicional se preocupa em definir a essência do "homem" (o "quê" somos), a narrativa revela o "quem" somos em nossa singularidade, através das histórias de nossas vidas. Ambas rejeitam a noção do indivíduo isolado e defendem que a individualidade é construída e revelada através da interação com os outros. A narrativa, nesse sentido, se torna um ato político, pois expõe o "eu" ao "outro".

Em contraste com a ênfase de Butler na formação discursiva do sujeito e no papel do poder na subjetivação, Cavarero prioriza a ideia de um "eu narrável" que existe antes e além de qualquer processo de subjetivação. Para Cavarero, a identidade não é simplesmente um produto do discurso, mas sim algo que se revela através da narrativa, em relação com os outros. Entretanto, ambas reconhecem a importância do "outro" na constituição da identidade. No entanto, enquanto Butler se concentra principalmente no papel do poder e da exclusão na formação do sujeito, Cavarero enfatiza a reciprocidade e a relacionalidade ética como aspectos centrais da interação humana. E, novamente, ambas reconhecem o poder da linguagem para ferir e formar, bem como a vulnerabilidade inerente à nossa existência linguística. No entanto, Cavarero argumenta que essa vulnerabilidade, longe de ser apenas uma ameaça, também é uma condição para a revelação da nossa singularidade e para a construção de relações éticas.

Cavarero critica a tradição filosófica, que ela considera dominada por uma perspectiva masculina, por sua ênfase na universalidade e na essência em detrimento da singularidade e da existência individual. Ela vê a narrativa, particularmente a narrativa de si, como uma forma de desafiar essa tradição e afirmar a importância da experiência vivida e da relacionalidade na compreensão da identidade humana. Indo além, Cavarero critica a centralidade do texto em algumas teorias pós-estruturalistas e pós-modernas, argumentando que essa abordagem corre o risco de reduzir a vida a um mero efeito da linguagem. Ela defende uma perspectiva que reconhece a importância do contexto, da relação entre o narrador e o narrado, e do desejo do "eu narrável" por sua história.

Em resumo, o trabalho de Adriana Cavarero dialoga com as filosofias de Hannah Arendt e Judith Butler, expandindo e desafiando seus *insights* de maneiras importantes. Sua ênfase na narrativa, na relacionalidade ética e na singularidade do "eu narrável" oferece uma perspectiva única sobre a questão da identidade, desafiando as abordagens tradicionais e abrindo novas possibilidades para a compreensão da experiência humana.

As duas narrativas de vida

O romance escrito por Daniel é dividido em onze capítulos, cada um recebendo o nome de um de seus órgãos. Esses onze capítulos fazem alusão aos onze minutos que ele passou dentro de um ônibus, sofrendo preconceito e sendo hostilizado por palavras, olhares e gestos. A escolha dos nomes dos órgãos para nomear cada capítulo reflete os que foram mais afetados pela homofobia durante essa breve, mas dolorosa, experiência, que, para o autor, pareceu uma eternidade, conforme ele próprio parafraseia.

Cada capítulo é composto por casos, memórias, ficção, fragmentos, matéria e dissertação, evidenciando ainda mais a estrutura desconstruída que Daniel criou, afastando-se totalmente dos padrões de uma autobiografia tradicional. Em alguns momentos, a leitura pode se tornar confusa, pois, ao mesmo tempo que ele atua como o "narrador indivíduo", conforme Charaudeau, relatando suas próprias experiências, ele também se coloca como "narrador observador", descrevendo seus feitos em terceira pessoa, como se contasse a vida de outro indivíduo. Assim, ele ora incorpora o "EUc" (sujeito comunicante), uma entidade social, ora assume o "EUe" (sujeito enunciador),

aquele que expressa a fala. Nesse esquema, há também o "TUd" (destinatário), que representa o público presumido por Herbert ao escrever sua obra, e o "TUi" (sujeito interpretante), que é o ser social que realmente acessa o texto – neste caso, o leitor, como eu, que analiso a obra segundo a situação de comunicação proposta por Charaudeau (1983) e adaptada por Ida Lúcia Machado (2016).

Por outro lado, o livro escrito por James Green segue rigorosamente a estrutura de uma biografia tradicional, traçando uma linha cronológica dos principais acontecimentos da vida de Herbert Daniel, desde seu nascimento, passando pela adolescência, vida adulta na militância, até sua morte. Todos os dados apresentados foram resultado de uma pesquisa intensa e da leitura de inúmeros documentos, com o objetivo de traduzir da melhor maneira possível a vida desse ativista pelos direitos humanos e pela comunidade LGBTQIAPN+ durante o sombrio período da ditadura civil-militar no Brasil. Além da extensa documentação, Green contou com várias fontes, como a mãe de Herbert, dona Geny, seu irmão Hamilton, além de amigos, incluindo a ex-presidenta do Brasil Dilma Rousseff, entre outros. Como afirma Oliveira (2020, p. 78), "uma biografia bem-sucedida transcende a simples narração dos acontecimentos; ela deve capturar a complexidade do caráter humano e situá-lo em seu contexto histórico e cultural".

A obra está dividida em dezessete capítulos e, ao final de cada um, Green apresenta uma lista de notas que detalha as fontes de onde foram extraídas as informações do capítulo anterior. No final do livro, há uma cronologia que revela, de forma sucinta e datada, os principais eventos da vida de Herbert Daniel. O livro também inclui um índice remissivo, com uma lista de palavras ou frases que remetem à localização de material relevante dentro da obra. Nas primeiras páginas, Green revela que escolheu narrar a vida de Daniel porque o via como uma inspiração, uma vez que ele também era homossexual e se identificava com a militância em defesa dos direitos humanos, especialmente da comunidade LGBT+. Como afirma Fernandes (2021, p. 45), "a biografia é o reflexo do encontro entre a memória pessoal e o olhar interpretativo do biógrafo, que, ao narrar a vida de outro, revela também suas próprias concepções e valores".

O quadro situacional dessa obra é totalmente distinto do romance autobiográfico de Herbert Daniel. Neste caso, o (EUc), sujeito comunicante e

ser social, é o professor estadunidense James Green. O (EUE), ou enunciador, é a imagem que o autor busca transmitir ao (TUi), o sujeito interpretante, que é o leitor real da obra — neste caso, eu. Já o (TUd), ou destinatário, é o público presumido por Green como consumidor de sua obra.

As narrativas de/sobre Herbert Daniel

A principal diferença entre a autobiografia de Herbert Daniel, “Meu corpo daria um romance” (1982), e a biografia escrita por James Green, “Revolucionário e gay: a vida extraordinária de Herbert Daniel” (2018), reside na perspectiva narrativa e nos objetivos de cada obra. Enquanto Daniel busca retratar sua vida e militância através de um olhar íntimo e subjetivo, Green se propõe a construir uma narrativa objetiva e contextualizada, baseada em extensa pesquisa histórica. Para melhor expormos nossas ideias, iremos dividir a análise em cinco tópicos seguidos de exemplos.

1. A Autobiografia como "Romance ou Autoficção":

Daniel, desde o início, caracteriza sua obra como um "romance ou autoficção", distanciando-se da estrutura tradicional de uma autobiografia. Essa decisão deliberada aponta para a subjetividade intrínseca à sua narrativa.

Exemplo: A criação do personagem fictício Marilyn Aparecida, que funciona como um alter ego e confidente de Daniel, ilustra a fusão entre realidade e ficção em sua autobiografia.

2. Perspectiva Narrativa e Subjetividade:

A autobiografia de Daniel é marcada pela perspectiva em primeira pessoa, com o autor relatando suas experiências, emoções e reflexões de forma direta.

Exemplo: O sofrimento de Daniel em relação à repressão de sua sexualidade e seus sentimentos por Renzo, que o levaram a considerar o suicídio, é explicitado em sua narrativa. Essa confissão demonstra a subjetividade e o tom emocional presentes na autobiografia.

3. A Biografia como Pesquisa Histórica:

Green, por outro lado, assume a postura de historiador, buscando reconstruir a vida de Daniel de forma objetiva e fundamentada. Sua pesquisa se baseia em documentos, entrevistas com familiares, amigos e figuras importantes da época, como a ex-presidenta Dilma Rousseff.

Exemplo: Ao descrever a participação de Daniel na luta armada, Green utiliza citações de escritos do próprio Daniel, contextualizando suas ações e motivações dentro do panorama político da época.

4. Objetividade e Análise Crítica:

A biografia de Green se destaca pela busca por imparcialidade e pela análise crítica dos eventos narrados. Green não se limita a apresentar os fatos, mas também os interpreta à luz do contexto histórico e social.

Exemplo: Green analisa a relação de Daniel com o celibato durante o treinamento de guerrilha no Ribeira. Através de citações e contextualização histórica, o autor oferece uma interpretação da postura de Daniel, que se mostra satisfeito com seu comprometimento revolucionário, mesmo diante dos desafios pessoais.

5. Complementaridade entre as Obras:

Apesar de suas diferenças, a autobiografia de Daniel e a biografia escrita por Green se complementam, oferecendo uma visão mais completa da vida e militância do ativista. A subjetividade da autobiografia e a objetividade da biografia se entrelaçam, proporcionando um retrato multifacetado de Herbert Daniel.

Ao examinarmos a obra "Meu Corpo Daria um Romance" de Herbert Daniel (1984), propomos uma análise semiolinguística para compreender como o corpo do autor se transforma em instrumento político-discursivo. A obra, enquadrada como uma Narrativa de Vida, é analisada sob a ótica do sujeito transclasse, conceito proposto por Ida Lucia Machado (2020) que descreve o indivíduo que transcende barreiras sociais. A incorporação das ideias de Adriana Cavarero sobre o "eu narrável" e o "eu narrado", conforme discutido anteriormente, pode enriquecer significativamente essa análise, aprofundando a compreensão da necessidade do "outro" na construção da narrativa e na afirmação da identidade do sujeito transclasse.

Cavarero argumenta que a identidade pessoal é revelada através da narração, mas o próprio indivíduo não consegue narrar sua história da mesma forma que outro pode. O "eu narrável" seria a identidade única de cada indivíduo que anseia por ser contada, enquanto o "eu narrado" é a concretização dessa história na voz do outro. No caso de Herbert Daniel, a violência sofrida no ônibus e a impossibilidade de expressar o não-dito naquele momento evidenciam a necessidade de um "outro" para narrar sua história.

A escolha de Daniel pelo gênero "narrativa de vida" pode ser vista como a busca por esse "outro". É através da escrita que ele encontra o espaço para articular sua experiência, transformando seu corpo em um romance, dissecando-o em onze partes que simbolizam os onze minutos de violência, como forma de oferecer ao leitor, o "tu-destinatário", a matéria-prima para que sua história seja narrada. O leitor, na posição de "outro", é convidado a reconhecer e validar a história de Daniel, dando forma ao seu "eu narrável".

A análise do discurso de Daniel, com a performance e a busca por identificação com o leitor, demonstra a necessidade do sujeito transclasse de ser compreendido. Através da escrita, Daniel busca a validação do seu "eu narrável", ansiando que o leitor o reconheça e dê sentido à sua história. A obra, portanto, vai além de uma denúncia da homofobia, configurando-se como um ato de afirmação da identidade do sujeito transclasse, que encontra na narrativa o espaço para construir sua história e ser reconhecido em sua singularidade.

A articulação das teorias de Cavarero com a análise semiolinguística proposta no artigo permitiria uma leitura mais profunda da obra de Daniel e de Green, evidenciando a complexa relação entre corpo, identidade e narrativa na experiência do sujeito transclasse. Em resumo, a principal diferença reside na perspectiva narrativa adotada por cada autor: a subjetividade e o engajamento pessoal de Daniel em contraste com a objetividade e o distanciamento analítico de Green.

Referências

ARENDT, HANNAH. *A condição humana*. São Paulo: Forense Universitária, 2016.

BUTLER, JUDITH. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAVARERO, ADRIANA. *Relating narratives: storytelling and selfhood*. London: Routledge, 2000.

CHARAUDEAU, PATRICK. *Uma análise semiolinguística do texto e do discurso*. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27.

_____. *Langage et Discours. Éléments de sémiolinguistique*. Paris, Hachette-Université, 1983.

DANIEL, HERBERT. *Meu corpo daria um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

GREEN, JAMES. *Revolucionário e gay: a vida extraordinária de Herbert Daniel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

LEJEUNE, PHILIPPE. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008.

MACHADO, IDA LUCIA. A narrativa de vida como materialidade discursiva. In: *Revista da ABRALIN*, 2015, v.14, n.2, p. 95-108.

_____. *Reflexões sobre uma corrente de análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida*. Portugal: Grácio, 2016.

_____. *Narrativas de vida: saga familiar & sujeitos transclasses*. Porto: Grácio, 2020.

PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ABSTRACT: The text compares Herbert Daniel's autobiography with the biography written by James Green. While the autobiography offers a subjective and personal view of Daniel's life, the biography aims for an objective and historical narrative. Adriana Cavarero's concept of the "narratable self" is used to explain how identity is constructed through narratives. Both works complement each other, providing different perspectives on Daniel's life. The text also connects Cavarero's ideas with those of other philosophers like Hannah Arendt and Judith Butler, highlighting the importance of narrative in understanding human identity. The autobiography and biography about Herbert Daniel, when analyzed in light of Cavarero's philosophy, reveal the complexity of identity construction through narratives.

KEYWORDS: Narrative; Identity; Autobiography; Biography.